

USO DE MÍDIAS SOCIAIS POR ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE LIMEIRA-SP

USE OF SOCIAL MEDIA BY HIGH SCHOOL STUDENTS IN LIMEIRA-SP

Cauê Ferreira Teixeira¹

André Pires²

Resumo

No artigo “Uso de mídias sociais por estudantes de ensino médio de Limeira/SP” apresentam-se informações sobre a utilização da internet e das redes sociais por estudantes de terceiro ano de ensino médio de duas escolas (uma pública, outra privada) de Limeira/SP, como recorte de uma investigação sobre as expectativas desses jovens em relação ao ensino superior nos anos de 2018 e 2019. A pesquisa se desenvolveu por meio da aplicação de questionários socioeconômicos e entrevistas semiestruturadas. As análises tiveram como principal referencial teórico a sociologia das desigualdades socioeducacionais de Bourdieu. As condições de acesso à internet eram similares para ambos os grupos, mas havia distinções fundamentais em relação ao uso desses recursos. Para os estudantes da escola privada, essas ferramentas mostraram-se importantes para a aquisição de conhecimentos e informações relevantes para o ingresso no ensino superior. Aos jovens da escola pública, por sua vez, esses recursos mostraram-se importantes para obter informações básicas sobre os processos seletivos e as políticas de ação afirmativa.

Palavras-chave: Ensino Superior; Ensino Médio; Desigualdades Educacionais; Internet.

Abstract

The article "Use of social media by high school students in Limeira/SP" presents information about the use of the internet and social media by third-year high school students from two schools (one public, the other private) in Limeira/SP, as a cutout of an investigation about the expectations of these young people regarding higher education in the years 2018 and 2019. The research was developed through the application of socioeconomic questionnaires and semi-structured interviews. The analyses had Bourdieu's sociology of socioeducational inequalities as the main theoretical reference. The conditions of access to the internet were similar for both groups, but there were fundamental distinctions regarding the use of these resources. For private school students, these tools proved to be important for the acquisition of knowledge and information relevant for entry into higher education. For public school students, these resources were important for obtaining basic information about selection processes and affirmative action policies.

Keywords: Higher Education; High School; Educational Inequalities; Internet.

1 Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e doutorando em Educação pela mesma universidade. Professor PEB II efetivo de Sociologia na rede estadual paulista desde 2014

2 Graduado em Ciências Sociais (Unicamp). Mestre em Antropologia Social (Unicamp). Doutor em Ciências Sociais (Unicamp). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso) e pesquisador do CNPq.

Introdução

O termo “mídia social” é normalmente utilizado como uma ampla designação de ferramentas de redes e tecnologias que enfatizam as características sociais do uso da internet, como a cooperação e a comunicação (TEZCI; IÇEN, 2017). Por meio das mídias sociais, os indivíduos podem criar conteúdos socialmente significativos e compartilhá-los em forma de textos, vídeos, áudios ou imagens, em interações particulares ou em grupos (TEZCI; IÇEN, 2017). De modo mais amplo, as mídias sociais podem ser compreendidas como um conjunto de *sites* e aplicativos *online* que permitem aos indivíduos criar e participar de múltiplas comunidades virtuais, desenvolvendo ações como publicar, compartilhar, colaborar, comunicar, gerenciar e interagir com outros indivíduos (GREENHOW; LEWIN, 2016). Entre esses *sites* e aplicativos, destacam-se, por exemplo, o Facebook, o Twitter, o Youtube, o Instagram, o Whatsapp, os *blogs* pessoais, entre outros, por meio dos quais é possível elaborar e difundir conhecimentos e informações sobre uma multiplicidade de temas, bem como desenvolver e fortalecer laços de sociabilidade entre indivíduos, a despeito de distâncias socioeconômicas, culturais e geográficas.

Dentro desse contexto, as escolas e as práticas desenvolvidas em seus espaços passam a ser permeadas pelas influências diretas e indiretas da popularização da internet e das mídias sociais, que afetam significativamente os modos de produzir e transmitir conhecimentos, bem como os relacionamentos entre estudantes, professores e familiares. Sob essa perspectiva, Sibilia (2012) atesta que, sendo a escola um dispositivo de época destinado a produzir formas de ser e estar no mundo, a ascensão das mídias vem propor ressignificações a essas formas. Assim, práticas pedagógicas outrora significativas podem perder valor e passar a ser sistematicamente questionadas. Por conseguinte, impõem-se desafios aos gestores, professores e familiares no sentido de tentar repensar os modelos e ações pedagógicas, que já não são compatíveis e não possuem sintonia com os corpos e mentes dos jovens do século XXI. Há, pois, um desajuste entre as escolas e os estudantes na contemporaneidade, cotidianamente confirmado em instituições e experiências escolares de jovens dispersos pelo mundo todo (SIBILIA, 2012). Ademais, as múltiplas possibilidades de utilização de mídias sociais afetam não somente as experiências e aprendizagens dos jovens dentro da escola, mas também e, principalmente, suas formas de estudar e aprender em outros espaços, fora dessa instituição. Logo, as mídias influenciam os processos de ensino e aprendizagem tanto em espaços formais quanto não formais (GREENHOW; LEWIN, 2016).

De acordo com Greenhow e Lewin (2016), sob uma perspectiva social construtivista, a aprendizagem se situa em contextos que envolvem circunstâncias, atividades e culturas distintas, de modo que o que é sabido ou conhecido nunca é meramente individual, mas construído e compartilhado a partir da relação entre múltiplos sujeitos. Conforme salientam os autores, as mídias sociais parecem estar alinhadas a essa perspectiva educacional, que valoriza aspectos como a participação no contexto social e a valorização do conhecimento como algo descentralizado, acessível e construído coletivamente. De modo similar, as ideias sobre uma educação conectivista, que concebe a aprendizagem como um processo de criação de conexões e articulações de redes de nós e de relacionamentos parece igualmente se encaixar às possibilidades de uso das mídias sociais da maneira como proposto pelos autores (GREENHOW; LEWIN, 2016). Nesse contexto, as mídias e redes sociais vêm se afirmando como ferramentas importantes nos processos de ensino e aprendizagem, embora ainda seja necessário maior desenvolvimento de pesquisas na área para compreender com maior precisão seus efeitos positivos e negativos sobre o desenvolvimento humano. Sob essa perspectiva, Costa e Ferreira (2012) destacam que redes sociais como o Facebook e o Twitter possibilitam a professores e estudantes a criação de ambientes de aprendizagem colaborativos e cooperativos. Para os autores, essas redes, ao serem organizadas como espaços de comunicação, colaboração e compartilhamento entre professores e estudantes, tornam-se ambientes de aprendizagem efetivos e envolventes, uma vez que fazem parte do cotidiano dos discentes. É importante salientar, no entanto, que as potencialidades das mídias sociais tendem a ser aproveitadas de maneiras muito distintas pelos jovens, em decorrência de influências exercidas pelo ambiente de cada escola (*habitus* institucional³) e pelas famílias (níveis de capital econômico, cultural e social), pensando esses conceitos no âmbito da sociologia das desigualdades socioeducacionais proposta por Bourdieu (2013; 2014). Nesse sentido, as práticas vivenciadas no cotidiano escolar e no seio familiar podem fazer diferenças significativas nos processos de aquisição de informações e conhecimentos essenciais para as escolhas e tomadas de decisão referentes ao ingresso no nível superior de ensino.

Optamos por priorizar um enfoque sobre as possíveis formas de utilização das mídias sociais pelos estudantes no tempo que passam fora da escola. Assim, atentamo-nos ao uso das mídias para estudar conteúdos expostos em sala de aula e cobrados nas avaliações internas e

3 Conceito desenvolvido a partir da concepção bourdieusina de *habitus* para demonstrar como nas escolas está envolvido um capital cultural incorporado na instituição, presente na forma como a escola elabora seu currículo, nos comportamentos, falas e usos do vestuário por parte de alunos e professores. “Podem também estar incorporado nos prédios, troféus, rituais, performance e no corpo docente (suas histórias e qualificação)” (Reay, David, & Ball, 2005, p. 37)

externas, bem como para buscar informações sobre assuntos diversos, como os relativos ao ingresso no ensino superior. A esse respeito, pesquisas anteriores (GREENHOW; LEWIN, 2016; TEZCI; IÇEN, 2017) destacaram a relevância das mídias sociais como ferramentas que permitem aos estudantes criar, publicar e compartilhar conhecimentos e informações através de plataformas digitais diversas, expandindo as possibilidades de aprendizagem para além das paredes da escola. Além disso, as mídias sociais podem ser importante recurso para ampliar laços de sociabilidade e fortalecer o capital social e cultural dos jovens, permitindo-lhes adquirir saberes e informações essenciais para que façam escolhas mais seguras e conscientes, aumentando as chances de sucesso escolar e de ascensão aos níveis seguintes de ensino (WHOM et al., 2013). Contudo, conforme será desenvolvido adiante, a distribuição desigual de capital econômico e cultural entre as classes sociais impõe limites a essa possibilidade.

Assim, é importante trazer uma breve ponderação acerca dessa possibilidade, uma vez que ela só pode ser efetivamente concretizada a partir do momento em que exista uma democratização do acesso à internet e aos aparelhos tecnológicos utilizados para acessá-la, como celulares e computadores. De acordo com a Agenda Digital do MERCOSUL 2018-2020, elaborado pelo Comitê Gestor da Internet (CGI) no Brasil, o percentual de domicílios em nosso país com acesso à internet em 2017 era de 61%. Considerando a acessibilidade por indivíduos, 68% dos homens e 67% das mulheres brasileiras possuíam acesso à internet naquele ano.

O mesmo relatório indica que quanto maior o nível de escolaridade de um indivíduo, maiores suas probabilidades de ter acesso à internet e às tecnologias digitais, seja na residência, no local de estudo ou de trabalho, e maiores suas chances de possuir um capital cultural associado ao desenvolvimento de habilidades digitais. Nesse sentido, o relatório sugere que nos níveis mais elevados de escolaridade o acesso à internet é praticamente universalizado, sendo 87% entre os indivíduos com ensino médio completo e 95% para aqueles que possuem diploma de nível superior. Por outro lado, entre aqueles que concluíram no máximo o ensino fundamental, a faixa de acesso à internet se reduz a 46%.

Conforme salientado por Oliveira (2020), o acesso a computador, internet e outros aparatos demandados para estudos *online* (necessidade acentuada em razão da pandemia de Covid-19) podem ser compreendidos como formas de capital cultural objetivado, distribuídos de modo desigual que afetam o desempenho escolar dos estudantes. Nesse sentido, embora, como se verá adiante, o acesso à internet fosse quase universal entre os estudantes das escolas pesquisadas, o fato de os estudantes da escola pública terem menos acesso a computadores pode ser considerado uma possível desvantagem em suas condições de estudo. Ainda de acordo com

Oliveira (2020) a necessidade de conciliar o estudo com o trabalho e com tarefas domésticas, realidade de parte dos estudantes da escola pública, também afeta negativamente as potencialidades do uso da internet para estudo.

O presente artigo pretende apresentar e discutir os usos da internet e das mídias sociais por parte de estudantes de camadas sociais distintas que cursaram o terceiro ano de ensino médio em uma escola privada de nível socioeconômico elevado e outra pública de nível socioeconômico baixo do município de Limeira/SP nos anos de 2018 e 2019. Partindo de uma pesquisa que investigou as expectativas desses jovens em relação às possibilidades de ingresso no ensino superior, propomos um recorte que demonstre as diferentes formas de uso da internet e das mídias sociais pelos estudantes para a aquisição de conhecimentos e informações para as escolhas de carreiras e instituições de ensino superior, bem como para o sucesso nos exames de seleção. Assim, expõe-se inicialmente o método de pesquisa e, em seguida, os dados obtidos nas observações em campo, buscando estabelecer um diálogo com outros estudos, sem a pretensão de fornecer diagnósticos ou conclusões fechadas e generalizantes sobre essa temática. A esse respeito, conforme será exposto adiante, as análises estão pautadas nos conceitos de capital cultural, capital econômico e capital social de Bourdieu (2013; 2014).

1. Metodologia

A definição das escolas onde a pesquisa foi realizada se deu a partir de indicadores socioeconômicos dos bairros onde estão localizadas, obtidos pelo Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴. Optou-se por observar, inicialmente, as áreas de ponderação delineadas pelo IBGE no município de Limeira/SP e, em seguida, identificar por meio de consulta ao site da Diretoria de Ensino da Região de Limeira as localidades em que funcionam escolas que oferecem o curso de ensino médio. O cruzamento dessas informações permitiu estabelecer os primeiros critérios de seleção das escolas pesquisadas.

Em seguida, identificou-se o nível socioeconômico médio dos estudantes de cada escola, por meio de consulta ao relatório do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) sobre o nível socioeconômico das escolas a partir dos microdados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2015⁵, último disponível quando da seleção do

⁴ Os indicadores socioeconômicos observados em cada área de ponderação foram: renda nominal mensal; matrículas em Ensino Fundamental e Ensino Médio na rede particular e na rede pública; pessoas ocupadas com ou sem carteira de trabalho; e domicílios permanentes por bens duráveis.

⁵ Os indicadores socioeconômicos avaliados no relatório do INEP referem-se à posse de bens no domicílio, renda familiar mensal, contratação de serviços e nível de escolaridade dos pais, em uma escala variável de I a VII. A escola pública encontrava-se no Nível IV, já a escola privada encontrava-se no Nível VI. (BRASIL, 2018).

campo de pesquisa. A escola pública selecionada pertence à rede estadual e localiza-se em uma área de ponderação denominada Parque Hipólito, região periférica com baixos níveis de indicadores socioeconômicos selecionados do município de Limeira, conforme o referido censo. Já a escola privada selecionada localiza-se em uma região de alto nível socioeconômico, próxima à área de ponderação Centro. Nas imediações dessa escola existem bares e restaurantes de alto padrão econômico, além de cinco condomínios residenciais fechados de padrão de classe média e alta.

No ano de 2018, a escola pública contava com uma turma de terceiro ano no período diurno e duas turmas no período noturno, contemplando um total de 92 estudantes. Já a escola privada possuía duas turmas de terceiro ano no período diurno, com um total de 49 estudantes. A primeira etapa da pesquisa se desenvolveu por meio da aplicação de um questionário socioeconômico⁶, o qual todos esses jovens foram convidados a responder, tendo sido devidamente esclarecidos sobre seus propósitos, riscos e benefícios. Aqui cabe destacar que a etapa de divulgações e convites para participação na pesquisa foi mais exigente na escola pública, uma vez que enquanto na escola privada somente uma conversa foi o suficiente para que os estudantes assentissem em participar, na escola pública foram necessárias três visitas e uma mudança de abordagem para se obter uma quantidade maior de participantes. Essa dificuldade pode estar atrelada às diferenças de *habitus* institucional entre as duas escolas, uma vez que na escola privada é possível que estudantes e professores estivessem mais familiarizados com pesquisas e discussões sobre o acesso ao ensino superior, enquanto na escola pública não. Além disso, o tempo médio necessário para responder aos questionários foi maior entre os estudantes da escola pública do que na escola privada.

A despeito das dificuldades acima mencionadas, obtivemos o assentimento de 93 estudantes para a realização da pesquisa. Desses, 45 (quarenta e cinco) eram da escola privada, e outros 48 (quarenta e oito) eram da escola pública. As primeiras informações referentes aos participantes seguem nas tabelas 1 e 2 a seguir.

⁶ Esse instrumento de pesquisa se baseou nos questionários socioeconômicos do ENEM e do ENADE, bem como na tese de doutoramento de Wilson Almeida (2012). Dividido nos eixos “escola, educação e cultura”; “família e trabalho” e “lazer e cultura”, o questionário nos possibilitou conhecer as trajetórias escolares, sociais e familiares dos estudantes, e seus reflexos sobre suas perspectivas e estratégias em relação ao nível superior de ensino

TABELA 1. Estudantes participantes da primeira etapa da pesquisa, por sexo e escola

Sexo	Escola Privada		Escola Pública	
	Número de estudantes	% de estudantes	Número de estudantes	% de estudantes
Masculino	20	44,40%	19	39,60%
Feminino	25	55,60%	29	60,40%
Total	45	100,00%	48	100,00%

Fonte: Elaboração própria

TABELA 2. Estudantes participantes da primeira etapa da pesquisa, por período e escola

Período	Escola Privada		Escola Pública	
	Número de estudantes	% de Estudantes	Número de estudantes	% de estudantes
Manhã	45	100,00%	15	31,30%
Noturno	0	0,00%	33	68,80%
Total	45	100%	48	100%

Fonte: Elaboração própria

As distinções referentes ao período em que os participantes da pesquisa estudavam fundamentam-se no fato de que na escola privada as aulas ocorriam somente no período diurno, enquanto na escola pública existia, no ano de 2018, uma turma de 3º ano do ensino médio no período da manhã e duas turmas no período noturno. Outra distinção significativa diz respeito aos critérios de cor/raça: enquanto a escola privada era quase exclusivamente formada por estudantes que se autodeclararam brancos (91,1% do total), a escola pública era majoritariamente constituída por estudantes que se autodeclararam pardos (51,10%, ante 27,7% de brancos). Cumpre observar que os estudantes que se autodeclararam pretos correspondiam a 17% dos participantes na escola pública, mas inexistiam na escola privada. Houve ainda o registro de uma estudante na escola pública que se declarou como indígena. Além disso, foi também fator marcante de distinção entre os participantes o nível de escolaridade de seus pais. Nesse sentido, na escola privada, 64,5% dos pais e 68,9% das mães dos estudantes tinham ao menos uma graduação completa. Na escola pública, por outro lado, 58,3% dos pais e 60,5% das mães dos participantes não haviam completado o ensino médio. Na escola pública, apenas quatro pais e quatro mães possuíam ensino superior completo. Enquanto boa parte dos jovens da escola privada tinha em casa exemplos de experiências no ensino superior, a maior parte dos jovens da escola pública não possuía essa referência, uma vez que em geral já superavam a escolaridade de seus progenitores.

Considerando as pretensões desse artigo, utilizamos respostas fornecidas a cinco perguntas dos questionários socioeconômicos, as quais objetivavam conhecer as condições de acesso à internet e os hábitos de aquisição de informação dos estudantes. Em relação às condições de acesso à internet as questões foram: “em sua residência, tem acesso à internet?”;

“na sua residência, tem computador?” e “na sua residência, tem aparelho celular?” – nessas duas últimas, os jovens deveriam indicar a quantidade de cada item. No que se refere à busca por informações, na questão “qual (s) o (s) meio (s) que você utiliza para se manter informado?” as opções envolviam itens como televisão (ões), telejornais, rádio(s), jornais e revistas, mas consideramos nesse texto apenas as menções aos itens “internet” e “redes sociais”. Já a questão “com que frequência você lê ou assiste esses veículos de informação?” dava como opções de resposta “diariamente”, “semanalmente”, “mensalmente” e “esporadicamente, sem período definido”.

As questões da primeira etapa da pesquisa, embora fornecessem frequências importantes para a investigação, não nos permitiram identificar de maneira apropriada os sentidos dos usos que os jovens de cada escola faziam da internet e das mídias sociais. Assim, na segunda etapa da pesquisa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, foi possível conhecer um pouco melhor a influência do uso da internet e das mídias sociais nas trajetórias formativas desses estudantes.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com cinco estudantes entre março e abril de 2019, sendo dois na instituição privada e três na instituição pública, selecionados pelos perfis obtidos a partir das informações da etapa anterior da investigação. A proposta inicial era realizar quatro entrevistas em cada escola, com estudantes selecionados a partir de respostas que destoassem do padrão médio do grupo observado. Porém, dificuldades relacionadas à comunicação e ao tempo disponível para realizar a pesquisa impossibilitaram o cumprimento dessa meta. Optamos por ouvir os relatos desses jovens por considerar que haveria desejos, negações, dúvidas, anseios e particularidades de percurso que seriam mais apropriadamente expressos em um diálogo aberto em que o participante discursasse sobre suas experiências e expectativas. O perfil dos participantes segue exposto na tabela 3.

TABELA 3. Perfil dos participantes da segunda etapa da pesquisa

Entrevistado(a)	Escola	Sexo	Idade	Cor/Raça
01	Privada	Feminino	18	Branca
02	Privada	Masculino	17	Branca
03	Pública	Masculino	18	Branca
04	Pública	Feminino	19	Negra
05	Pública	Masculino	17	Negra

Fonte: Elaboração própria

Cumprе salientar que ambas as técnicas de pesquisa se mostraram complementares, uma vez que o roteiro de entrevistas foi estruturado a partir de observações e dúvidas que emergiram da análise dos questionários, que, por sua vez, puderam ser mais bem compreendidos por meio

das entrevistas. Nesse sentido, retomamos questões propostas no questionário, porém oferecendo aos estudantes entrevistados a possibilidade de discorrerem com mais detalhes sobre suas experiências e expectativas, para que fosse possível conhecer um pouco sobre as subjetividades e particularidades de seus percursos formativos.

Por derradeiro, destacamos que as análises dos resultados orientam-se principalmente pelas teorias de capital cultural, capital econômico e capital social instituídas por Bourdieu (2013; 2014), conceitos que sustentam uma Sociologia da Educação que coloca em xeque a ideologia do mérito ou dos “dons” e põe em relevo a influência das origens sociais sobre os percursos acadêmicos dos indivíduos.

2. Resultados

As respostas assinaladas pelos estudantes nos questionários aplicados na primeira etapa da pesquisa nos permitiram aferir que o acesso à internet contemplava praticamente todos jovens de ambas as escolas, conforme pode ser constatado na tabela 4. De fato, exceto por três jovens na escola privada e um na escola pública que não responderam à pergunta, todos os demais afirmaram possuir acesso à internet. Entretanto, não foi possível mensurar a qualidade e velocidade das conexões de que cada jovem dispõe para acesso.

TABELA 4. Acesso à internet na residência

Questão		Escola Privada		Escola Pública	
		n	%	n	%
Na sua residência, tem acesso à internet?	Sim	42	93,30%	47	97,90%
	Não	0	0,00%	0	0,00%
	Sem resposta	3	6,70%	1	2,10%
	Total	45	100,00%	48	100,00%

Fonte: Elaboração própria

Consideramos pertinente também observar as condições de posses de aparelhos utilizados para acessar as redes, quais sejam os computadores e os aparelhos celulares. Em relação à posse de computadores, exceto por três estudantes que não responderam à questão, todos os participantes da escola privada tinham acesso a pelo menos um computador em sua residência, sendo que somente 31,1% deles possuíam apenas um item em casa. Por sua vez, entre os estudantes da escola pública, 35,4% não tinham acesso a computador em casa e metade possuía apenas um item do tipo na residência. Essas distinções podem constituir um fator de desvantagem para os estudantes da escola pública, uma vez que a depender do número de

membros na família, o uso do computador poderia ser compartilhado, restringindo-se o tempo a que os jovens teriam acesso a essa ferramenta.

TABELA 5. Posse de computadores na residência

Questão	Resposta	Escola Privada		Escola Pública	
		Número de estudantes	% de estudantes	Número de estudantes	% de estudantes
Na sua residência, tem computador?	Não	0	0,00%	17	35,40%
	Sim, um	14	31,10%	24	50,00%
	Sim, dois	18	40,00%	4	8,30%
	Sim, três	7	15,60%	1	2,10%
	Sim, quatro ou mais	3	6,70%	2	4,20%
	Sem resposta	3	6,70%	0	0,00%
	Total	45	100%	48	100%

Fonte: Elaboração própria

Em relação à posse de aparelhos celulares, os estudantes de ambas as escolas registraram frequências similares, o que sugere que a principal ferramenta de acesso à internet para esses jovens seja o celular e não o computador. Considerando o aparelho celular como uma ferramenta que pode ser utilizada para comunicação e estudo, não há, nesse caso, diferenças significativas entre os estudantes das duas escolas, embora se possa notar que a quantidade de aparelhos nas residências dos alunos da escola privada seja sempre superior em relação à escola pública. Além disso, somente na escola pública houve registro de estudantes que não possuem aparelho celular (dois alunos).

TABELA 6. Posse de aparelhos celulares

Questão	Resposta	Escola Privada		Escola Pública	
		Número de estudantes	% de estudantes	Número de estudantes	% de estudantes
Na sua residência, tem telefone celular?	Não	0	0,00%	2	4,20%
	Sim, um	3	6,70%	3	6,30%
	Sim, dois	4	8,90%	3	6,30%
	Sim, três	10	22,20%	17	35,40%
	Sim, quatro ou mais	25	55,60%	23	47,90%
	Sem resposta	3	6,70%	0	0,00%
Total	45	100%	48	100%	

Fonte: Elaboração própria

É importante considerar, ainda, que por meio do uso dos aparelhos celulares os estudantes podem acessar redes sociais e utilizá-las para conectarem-se a outros sujeitos cujas experiências e informações poderiam lhes ser úteis na elaboração de estratégias para ingressar

no ensino superior. Na perspectiva de Wohn *et al.* (2013), os estudantes da escola pública, em princípio, poderiam compensar a fragilidade de seu capital social e informacional sobre os exames de seleção, as políticas de inclusão e os desafios da permanência universitária ao dialogar, por meio de redes sociais, com sujeitos experientes nessas áreas, acessando e consumindo informações que podem fazer a diferença nos processos de escolha e acesso ao ensino superior.

É necessário ponderar, no entanto, os limites deste processo. Como já destacado (Oliveira, 2020), computadores, celulares, internet e outros acessórios demandados para estudos virtuais (e, acréscimo nosso, para busca de informações) constituem um tipo de capital cultural objetivado que é distribuído de forma desigual entre as distintas classes sociais. Como demonstrado anteriormente, o computador, por exemplo, é um item que cerca 1/3 dos jovens da escola pública não possui, e outros 50% possui apenas um, tendo possivelmente que compartilhá-lo com outros membros da família. Ainda de acordo com Oliveira (2020), é importante considerar o espaço físico que os estudantes dispõem em sua residência para estudar, se necessitam contribuir com as tarefas domésticas – o que pode intensificar as diferenças de gênero – o nível de escolaridade dos pais e a capacidade desses em auxiliar nos estudos dos filhos, etc. Por conseguinte, pode-se notar que o capital econômico e o capital cultural familiar influenciam nas possibilidades dos jovens bem usufruírem dos recursos digitais para estudar, informar-se e planejar uma possível entrada no ensino superior.

Assim, faz diferença nesse processo o capital econômico familiar, que engendra maior ou menor poder aquisitivo para obtenção de computadores, celulares e internet com melhor conexão, assim como um ambiente residencial mais ou menos estruturado em rotinas para o jovem estudar. Além disso, esse capital econômico pode determinar também o tempo que a família terá para investir na educação do estudante, assim como o tempo que o próprio estudante terá para estudar caso necessite conciliar o estudo com o trabalho ou com tarefas domésticas. Nesse sentido, é interessante observar as condições de trabalho dos jovens participantes da pesquisa.

TABELA 7. Condição de trabalho dos estudantes no momento da pesquisa

Questão	Resposta	Escola Privada		Escola Pública	
		Número de estudantes	% de estudantes	Número de estudantes	% de estudantes
Você trabalha atualmente?	Sim	1	2,20%	24	51,10%
	Não	44	97,80%	22	46,80%
	Sem resposta	0	0,00%	1	2,10%
Se sim, em que período?	Meio período 4 horas	1	2,20%	6	12,50%
	Meio período 6 horas	0	0,00%	11	22,90%
	8 horas	0	0,00%	5	10,40%
	Outra situação	0	0,00%	1	2,10%
	Sem resposta	44	97,80%	25	52,10%
	Total	45	100%	48	100%

Fonte: Elaboração própria

Conforme pode se extrair das informações da tabela, somente um estudante da escola privada estava trabalhando enquanto cursava o último ano do ensino médio, por um período de 4 horas diárias, enquanto mais da metade dos jovens da escola pública necessitava conciliar escola e trabalho, a maior parte deles trabalhando 6 horas por dia. Acrescente-se, ainda, que tanto o entrevistado 03 quanto a entrevistada 04 afirmaram que eram trabalhadores – o primeiro na condição de estagiário em uma empresa local, a segunda como atendente em uma lanchonete. Além disso, o entrevistado 05 afirmou que fazia bicos para ajudar o pai, profissional autônomo. Logo, o tempo de que os estudantes da escola pública dispunham para estudar, buscar informações e planejar uma possível trajetória acadêmica era mais reduzido em relação ao tempo disposto pelos estudantes da escola privada.

Em relação ao capital cultural, é lícito supor que estudantes familiarizados a conversar sobre possíveis carreiras de nível superior teriam maior facilidade para buscar e encontrar na internet as informações necessárias para organizar seus estudos. E essas conversas, em geral, costumam ocorrer prioritariamente na família e na escola. Sendo assim, uma observação sobre o nível de escolaridade dos pais desses estudantes e sobre o *habitus* institucional de cada escola pode esclarecer o quanto de esforço cada estudante supostamente deve empreender para se aproveitar efetivamente das possibilidades disponibilizadas pela internet e mídias sociais.

Sob essa perspectiva, os estudantes da escola privada são beneficiados pela transmissão familiar do capital cultural, na medida em que seus pais, que tiveram experiência no ensino superior, compartilhem seus conhecimentos e os estimulem a trilhar esse caminho. Na escola pública, por outro lado, exceto por dois jovens que indicaram que os pais haviam cursado o ensino superior, todos os demais não possuíam em casa esse tipo de referência. Nesse sentido, cabe lembrar, como atenta Bourdieu (2013), que as expectativas que os jovens desenvolvem em relação aos estudos é fortemente influenciada pelas expectativas dos pais e pela média das

expectativas gerais da classe ou fração de classe a que pertencem. Assim, quando as experiências familiares e de classe não correspondem a um sucesso acadêmico, os jovens se privam de “desejar o impossível”.

No que diz respeito ao uso da internet, os estudantes da escola privada podem ter por parte de seus pais uma orientação e direcionamento do que e como pesquisar sobre o ensino superior, condição certamente não vivenciada pelos estudantes da escola pública. Essa condição está em consonância com afirmado por Bourdieu e Champagne (2008), de que os oriundos de “boas famílias” recebem dela o senso de investimento, obtendo exemplos e conselhos capazes de direcioná-los em momentos de incerteza. Por conseguinte, podem investir no lugar certo, na hora certa, no curso e instituição certos etc. Por outro lado, filhos de famílias pobres, de acordo com os autores, necessitariam entregar suas escolhas à instituição escolar ou ao acaso, estando fadados por isso a errar a hora e o lugar do investimento de seu capital cultural (que já é mais escasso e modesto em relação aos filhos das famílias ricas). Em um universo de opções cada vez mais diversificadas e de um volume de informações que cresce exponencialmente, com as escolhas sendo cada vez mais complexas, certamente há uma brutal diferença entre ter um referencial em casa que “conhece o mundo acadêmico” e estar “jogado à própria sorte”. Reforça-se assim a ideia de que conhecer as “regras do jogo” é fundamental nas escolhas frente à educação escolar, conforme já constatado, por exemplo, por Bourdieu (2013), Nogueira (2012) e Soria (2015).

Importante ponderar, entretanto, que não há uma relação direta entre o nível de escolaridade dos pais e a atitude dos filhos em relação à escolarização. Isso porque, conforme demonstrou Lahire (1997), é fundamental observar se e como os pais transmitem o capital cultural para seus filhos. Essa condição pode ser bem observada a partir de dois exemplos da presente pesquisa. A entrevistada 01, da escola privada, afirmou que seu pai possuía três diplomas de graduação e estava cursando uma pós-graduação na época da pesquisa. A jovem destacou que era o pai sua maior inspiração e aquele que mais a incentivava a estudar, indicando inclusive que criou gosto pela leitura graças aos estímulos paternos. Nesse sentido, seu capital cultural e sua trajetória acadêmica foram moldadas pelo capital cultural e pela trajetória acadêmica do pai. Por outro lado, o entrevistado 05, na escola pública, embora tivesse pai com diploma de graduação e uma irmã mais velha cursando administração em uma universidade pública, demonstrava perspectivas incertas em relação ao ensino superior. A despeito de ter afirmado “ter vontade de fazer uma faculdade”, o jovem colocava como prioridade a inserção no mercado de trabalho, não havia definido o curso (estava em dúvida entre educação física,

veterinária e engenharia civil) e não havia estabelecido quando pretendia ingressar no ensino superior. Questionado sobre a influência do pai nesse processo, o estudante afirmou que considerava uma inspiração o fato de o pai ter um diploma de ensino superior. Porém, essa inspiração era pelo diploma em si, e não por orientações e estímulos feitos pelo pai.

Também deve-se considerar as atitudes de cada escola. Na escola privada o *habitus* institucional era fortemente orientado para a inserção no ensino superior, por meio de trabalho desenvolvido por todos os docentes desde o Ensino Fundamental II (ambos os entrevistados indicaram que “desde o sétimo ano já começam a falar do vestibular”). Por meio de conteúdos específicos desenvolvidos em sala de aula, orientações vocacionais e de planejamento de estudos, bem como participação em eventos intra e extraescolares voltados ao mundo acadêmico (como excursões para mostras científicas e culturais, visitas a universidades e feiras de profissões), os jovens da escola privada receberam na instituição uma preparação fortemente estruturada e direcionada à entrada no ensino superior. Na escola pública, por outro lado, os estudantes afirmaram que o trabalho de orientações em relação ao ensino superior tinha início somente no segundo ano do ensino médio. Esse trabalho envolvia exercícios e diálogos em sala de aula, além de atividades extraclasse, como visitas a universidades. Contudo, trata-se de práticas desenvolvidas por poucos professores, de maneira esporádica e dependendo, muitas vezes, da iniciativa dos próprios estudantes.

Ainda na primeira etapa da pesquisa, tentamos compreender de que maneiras os jovens buscavam informações que lhes pudessem ser úteis na preparação para os exames de seleção para o ensino superior. A questão envolvia recursos diversos como ferramentas de acesso à informação, mas para nossos objetivos nesse artigo selecionamos apenas os itens “internet” e “redes sociais”, conforme se apresenta na tabela 8.

TABELA 8. Meios utilizados para se manter informados

Recurso		Escola Privada		Escola Pública	
		Número de estudantes	% de estudantes	Número de estudantes	% de estudantes
Internet	Não	3	6,70%	4	8,30%
	Sim	42	93,30%	44	91,70%
	Total	45	100%	48	100%
Redes Sociais	Não	15	33,30%	18	37,50%
	Sim	30	66,70%	30	62,50%
Total		45	100%	48	100%

Fonte: Elaboração própria

A internet apareceu como importante ferramenta de informação, de fato a mais destacada entre todas as opções em ambas as escolas. Entretanto, somente uma estudante da

escola privada utilizou o espaço aberto da questão para especificar o uso que faz da internet para se manter informada, afirmando que costuma acessar os sites dos jornais. Os outros participantes em ambas as escolas não indicaram os sites que costumam acessar. Não foi possível, nessa etapa, identificar de que modos esses jovens utilizavam a internet para se manter informados. Ainda em relação à internet, o percentual de respondentes que indicou utilizar as mídias ou redes sociais para esse fim foi bastante próximo entre ambas as escolas.

Conquanto o percentual de estudantes que utilizavam redes sociais para se manter informados fosse semelhante nas duas instituições, as respostas descritivas à questão indicaram que esses jovens não estavam necessariamente conectados às mesmas mídias. Nesse sentido, na escola privada predominava a utilização do Twitter (17 citações), seguido do Facebook (15) e Instagram (08); na escola pública, predominava o Facebook (09), seguido do Instagram (04) e apenas uma citação ao Twitter. De modo geral, os alunos da escola privada parecem mais conectados às redes sociais, sendo a maior distinção o número de usuários do Twitter, rede caracterizada por postagens curtas e objetivas, que permite a interação e o compartilhamento de conteúdos, frequentemente utilizada por veículos de informação, personalidades artísticas e esportivas, políticos e influenciadores digitais para divulgar opiniões e informações sobre assuntos diversos. Acrescente-se ainda que, de acordo com Costa e Ferreira (2012, p. 142), por meio do uso de hashtag, ou seja, da colocação do símbolo “#” diante de uma ou mais palavras agregadas, o Twitter permite que o conhecimento seja “etiquetado”, possibilitando aos usuários seguir informações específicas sobre determinado assunto. De acordo com os autores, o Twitter se torna uma espécie de indexador de conteúdo, uma vez que as mensagens trocadas entre os usuários podem conter hiperlinks que os redirecionem para conteúdos mais aprofundados do que aquele exposto nos limites dos 140 caracteres. Esses redirecionamentos poderiam auxiliar significativamente os estudantes na assimilação de conhecimentos e informações relevantes para o desempenho acadêmico.⁷

Considerando que entre os estudantes da escola pública aqui retratada a maioria possuía pais que não haviam cursado o ensino superior, as redes sociais poderiam aproximá-los de informações relevantes sobre os vestibulares, como os prazos e valores de inscrição, conteúdos e as políticas de ação afirmativa, entre outras. Contudo, conforme já mencionado, o escasso capital cultural familiar, derivado do baixo nível de escolaridade em geral dos pais e mães desses estudantes, bem como o *habitus* institucional da escola que pouco contribui para a

7 Mas, conforme sugerido no documentário “O dilema das redes” (Orlowski, 2020), algoritmos gerados pelo engajamento nas redes sociais tendem a confinar usuários em “bolhas” com outros que compartilham de suas visões de mundo, o que limitaria as possibilidades de expansão e diferenciação do capital cultural.

preparação desses jovens em relação ao ensino superior, torna essa possibilidade bastante discutível. Em outras palavras, pode-se inferir que demandaria um esforço tremendo por parte desses jovens para realmente aproveitar os recursos de mídia como os computadores, os celulares, a internet e as redes sociais para enriquecer seus capitais cultural e social, compensando o que a própria família e a escola não lhes forneceram.

Em relação à frequência de consumo dos meios de comunicação, em geral os números apresentados na tabela abaixo indicam que os estudantes da escola pública dispensavam menos tempo a buscar informações do que os estudantes da escola privada. Na frequência diária, a discrepância mostrou-se maior. Considerando que o nível de informações assimiladas pelos sujeitos impacta no nível de seu capital cultural (BOURDIEU, 2013), pode-se constatar uma vantagem aos estudantes da escola privada, o que pode influenciar nas condições de escolhas referentes ao ensino superior (NOGUEIRA, 2012). Essa vantagem é acentuada ainda pelas distinções relativas ao nível de capital cultural familiar a que esses estudantes foram expostos e ao *habitus* institucional da escola em que estudavam, que conforme já vimos eram substancialmente desfavoráveis aos jovens da escola pública.

TABELA 9. Frequência de consumo dos meios de comunicação

Frequência com que consome o veículo de informação	Escola Privada		Escola Pública	
	Número de estudantes	% de estudantes	Número de estudantes	% de estudantes
Diariamente	39	86,70%	33	68,80%
Semanalmente	3	6,70%	5	10,40%
Mensalmente	0	0,00%	1	2,10%
Esporadicamente	3	6,70%	9	18,80%
Total	45	100%	48	100%

Fonte: Elaboração própria.

Em relação às informações obtidas por meio das entrevistas realizadas na segunda etapa da pesquisa, na escola privada os estudantes evidenciaram a importância da internet para a obtenção de conhecimentos importantes para o bom desempenho escolar e a efetivação de estratégias de acesso ao nível superior. A esse respeito, o entrevistado 02 relatou ter o hábito de pesquisar artigos sobre ciências da natureza, sua área de interesse, geralmente publicados em língua inglesa. É perceptível neste exemplo a influência do capital cultural, em especial do capital lingüístico, no sucesso acadêmico desse jovem. Isso porque, como demonstrado por Bourdieu e Passeron (2014), o capital linguístico, compreendido como um subconjunto do capital cultural e cuja aquisição tem início nas relações familiares, constitui-se como elemento central no processo de adaptação às exigências escolares e, por conseguinte, no próprio

desempenho acadêmico. No caso do estudante mencionado, ter o domínio de um segundo idioma, sendo esse o idioma dominante em nível internacional e no qual boa parte do conhecimento acadêmico e científico é produzido, possibilitou a esse jovem um alto nível de preparação para os exames.

Além disso, esse mesmo jovem destacou que a escolha do curso e da instituição passou por uma pesquisa minuciosa sobre rankings universitários, que lhe possibilitou se informar sobre grades curriculares, infraestrutura, prestígio e qualidade das carreiras e universidades. De fato, o jovem demonstrou um bom conhecimento a respeito do curso escolhido (Engenharia Mecatrônica) e das possíveis instituições - considerou como opções a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), tendo optado pela Universidade de Campinas, embora tenha sido aprovado nas demais também. Além disso, o estudante revelou também ter feito pesquisas na internet a respeito da possibilidade de cursar outra graduação ou até uma pós-graduação no Japão. Assim, esse jovem demonstrou ter conhecimentos e informações sobre a estrutura das universidades, os cursos e seus espaços no mercado de trabalho, mecanismos de seleção, conteúdos exigidos e formas de acesso que não necessariamente estão no currículo ensinado em salas de aula, mas que fazem toda a diferença nos momentos de decisão. Essas condições ajudam a formular o que Forquin (2017) define como currículo oculto, que considera o conjunto de competências ou de disposições adquiridas na escola por meio da experiência, impregnação, familiarização ou inculcação difusas, mas também por hábitos culturais desenvolvidos fora da escola, o que denota um peso da socialização familiar e do capital cultural em sua formulação. Sob essa perspectiva, vale ressaltar que as informações sobre as estruturas de provas, localização e prestígio das instituições, valorização social e financeira dos cursos, entre outras, impactam sobremaneira nas perspectivas e escolhas dos indivíduos em relação ao ensino superior (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2008; BALL *et al.*, 2005; ALMEIDA; HERINGER, 2013; SORIA, 2015), o que é nitidamente observável nesse caso. Ademais, pode-se inferir que a acessibilidade desse estudante a aparelhos tecnológicos e à internet pode ser compreendida como parte de seu capital cultural objetivado (BOURDIEU, 2013), fundamental para que ele enriquecesse seu currículo oculto com informações e competências úteis para definir os caminhos possíveis em direção ao ensino superior.

Ainda na escola privada, a estudante entrevistada 01 destacou a importância do Youtube para sua formação e perspectivas de futuro acadêmico. Essa jovem havia recém ingressado no

curso de História na Universidade de São Paulo (USP) – tinha sido aprovada também na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e afirmou ter como plano de carreira cursar uma pós-graduação na Alemanha. Para tanto, a estudante destacou ter desenvolvido o hábito de estudar o idioma alemão de forma autodidata por meio de vídeos disponibilizados na internet.

Na escola pública, por outro lado, os estudantes apresentaram perfis bastante distintos daqueles observados nos estudantes da escola privada. Isso porque, enquanto os jovens da escola privada já estavam inseridos no ensino superior e possuíam estratégias de carreiras bem definidas, cuja preparação passava pela utilização da internet e mídias sociais, os jovens da escola pública estavam ainda ausentes do ensino superior e permaneciam com expectativas difusas a esse respeito. Nesse sentido, as possibilidades de uso da internet e das mídias sociais mostraram-se como recurso importante não apenas para a aquisição de saberes relevantes para os exames, mas principalmente para compensar a desinformação a respeito dos processos seletivos, em especial no que se refere às políticas de ação afirmativa das quais esses jovens seriam potenciais beneficiários e sobre as quais pouco ou nada sabiam.

A respeito da utilização da internet para o estudo, o entrevistado 03 relatou que, embora não tivesse hábito frequente de leitura, ocasionalmente utilizava o celular para ler notícias e matérias publicadas na internet que lhe fossem interessantes. Já o entrevistado 05 afirmou acessar a internet para pesquisar temas históricos, por gostar bastante da área. “Sim, eu gosto bastante assim. Até hoje eu sou bastante curioso, pesquiso as coisas na internet, pra saber mais.” (ENTREVISTADO 05, escola pública). Ainda que esses jovens tivessem relatado que essas práticas fossem esporádicas - ao contrário dos estudantes da escola pública, que indicaram maior frequência de buscas de conhecimentos e informações sobre o mundo acadêmico via mídias digitais -, pode-se afirmar que nesses casos a utilização da internet se configurou como elemento de fortalecimento de capital cultural para esses jovens, propiciando-lhes saberes que possivelmente seriam úteis em exames de seleção. Entretanto, há um claro limite para esse suposto fortalecimento, uma vez que as informações obtidas em geral eram de ordem mais genérica, sem uma correlação direta com possíveis planos de vida ou carreira, como observado entre os estudantes da escola privada.

Além das práticas de leitura e estudo, os jovens da escola pública entrevistados relataram o uso da internet principalmente para buscar informações sobre os processos seletivos de ingresso no ensino superior. Sob essa perspectiva, o entrevistado 03, da escola pública, afirmou que pretendia se informar a respeito dos conteúdos de provas, condições e localização das instituições por meio de pesquisas na internet, informações que os jovens da escola privada

“sabiam naturalmente”. O jovem acrescentou ainda a importância dos amigos nesse processo. “Internet, senão... amigos, que você vê às vezes comentando e vai atrás pra saber... é, isso.” (ENTREVISTADO 03, escola pública). Merece destaque ainda o fato de esse estudante ter enfatizado que o pouco conhecimento que possuía a respeito das políticas de ação afirmativa era proveniente de pesquisas na internet. “Nossa, bem pouco. Se eu não corro atrás pra saber pela internet, eu não sabia. Bem pouco, assim. Se comentaram só foi por nome. Mas chegar a explicar...não.” (ENTREVISTADO 03, escola pública, ao ser questionado se os professores explicavam as políticas de ação afirmativa em sala de aula).

A entrevistada 04, da escola pública, relatou que tinha o contato de alguns professores no Facebook e no WhatsApp, o que sugere a importância das mídias sociais para o fortalecimento de redes de sociabilidade e como possível extensão da relação professores-estudantes para além do espaço escolar. Essa mesma estudante havia informado no questionário aplicado na etapa anterior que gostaria de conhecer e saber a respeito do funcionamento das políticas públicas de acesso ao ensino superior. Durante a entrevista, a jovem reiterou essa expectativa e informou que pretendia usar a internet para pesquisar a respeito de tais políticas. “É, vou por conta. Tem bastante pessoa que ensina também, tem os blogs, tal...” (ENTREVISTADA 04, escola pública). A fala dessa jovem sugere que ela reconhecia a possibilidade de encontrar informações relevantes para estabelecer estratégias de acesso ao ensino superior, embora talvez não soubesse ainda precisar exatamente em que espaços da rede as encontraria, e se baseasse muito em uma perspectiva de “se virar por conta própria”. Sob essa perspectiva, a jovem apresentava postura semelhante à dos participantes de outra pesquisa, realizada com estudantes prounistas ex-beneficiários do Programa Bolsa Família em uma universidade privada sem fins lucrativos no interior do estado de São Paulo (PIRES; ROMÃO; VAROLLO, 2019), e que demonstrou a importância do “eu me viro” para o ingresso e permanência no ambiente universitário. Assim, nota-se que tanto no momento que precede a entrada no ensino superior, quanto nas vivências durante a graduação, os estudantes oriundos de famílias mais pobres necessitam de grandes esforços pessoais para ter sucesso acadêmico.

Considerações Finais

Nesse artigo, apresentamos informações e reflexões a respeito das formas de utilização da internet e das mídias sociais por estudantes de terceiro ano de ensino médio de camadas sociais distintas do município de Limeira/SP. Consideramos, para tanto, essencialmente as condições de acesso à internet, bem como sua utilização para a aprendizagem de conteúdos

acadêmicos e a obtenção de informações relevantes sobre os caminhos de ingresso no ensino superior, como estrutura dos cursos, infraestrutura das instituições, prazos e valores de inscrição nos exames, entre outras.

Constatamos que, embora em ambas as escolas a quase totalidade dos estudantes tenham afirmado possuir acesso à internet, as condições de acesso eram distintas, pois os estudantes da escola privada possuíam maior acesso a computadores e celulares do que estudantes da escola pública. Além disso, em que pese o fato de o percentual de jovens que assinalou usar a internet e as mídias sociais para se manter informados ter sido similar em ambas as instituições, observamos que esses estudantes não estavam necessariamente nas mesmas redes, tendo prevalecido o uso do Twitter na escola privada e do Facebook na escola pública. Outra distinção importante foi em relação à frequência de consumo desses meios, uma vez que os estudantes da escola privada assinalaram utilizá-los de forma mais constante, enquanto as respostas dos jovens da escola pública sugerem um uso mais esporádico.

As entrevistas semiestruturadas, realizadas na segunda etapa da investigação, nos permitiram um melhor conhecimento sobre as relações desses jovens com a internet e as mídias sociais. Sob essa perspectiva, enquanto os estudantes entrevistados na escola privada destacaram o uso da internet para estudos e pesquisas diretamente relacionados às suas perspectivas de carreira acadêmica, já bem estabelecidas, os jovens da escola pública atestaram a importância da internet e das mídias sociais especialmente para obter informações básicas sobre os caminhos de ingresso no ensino superior, passando essencialmente pela possibilidade de adquirir um melhor conhecimento sobre as políticas de ação afirmativa.

Observamos que essas distinções derivam essencialmente das condições socioeconômicas familiares dos estudantes e do *habitus* institucional de cada escola. Nesse sentido, os jovens da escola privada, pertencentes a famílias de níveis mais abastados de capital econômico, capital cultural e capital social, e tendo estudado em uma instituição cujo *habitus* era orientado para o ingresso no ensino superior, possuíam melhores condições para fazer dos recursos digitais uma das ferramentas de auxílio à inserção no ensino superior. Os estudantes da escola pública, por outro lado, eram parte de famílias com reduzido capital econômico, cultural e social. Além disso, a preparação para o ensino superior oferecida pela escola pública estava bem aquém daquela fornecida pela escola privada. Nesse sentido, esses estudantes dependeriam de esforços pessoais bastante intensos para realmente aproveitar de forma eficiente os recursos digitais para adquirir informações e conhecimentos úteis para ingressarem no ensino superior.

Constatamos a importância da utilização da internet e das mídias sociais como ferramentas que permitem criar, compartilhar e publicar conhecimentos, saberes e informações relevantes para o sucesso escolar, permitindo até compensar possíveis defasagens nos níveis de capital cultural e social dos estudantes. Entretanto, estas possibilidades variam de maneira significativa considerando as condições socioeconômicas dos estudantes.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. **Ampliação do acesso ao Ensino Superior Privado Lucrativo Brasileiro: um estudo sociológico com bolsistas do PROUNI na cidade de São Paulo**. São Paulo-SP, 2012.

BALL, S; DAVID, M; REAY, D. **Degrees of choice: class, race, gender and higher education**. Trenthen Books, USA, 2005.

BOURDIEU, P.; Champagne, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, Pierre (org). **A miséria do mundo**. 7ª edição, Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRASIL, 2018. **Censo 2010 do IBGE**. Áreas de ponderação. Limeira-SP. <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/areaponderacao/>

BRASIL, 2018. Ministério da educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de avaliação da educação básica. Nota técnica. Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica (Inse), 2015.

BRASIL, 2020. **Agenda Digital do Mercosul 2018-2020**. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.cgi.br/publicacao/agenda-digital-do-mercosul-2018-2020-panorama-dos-indicadores-disponiveis/>. Acesso em 02/10/2020.

COSTA, Ana Maria Simões Netto; FERREIRA, André Luis Andrejew. **Novas possibilidades metodológicas para o ensino-aprendizagem mediados pelas redes sociais Twitter e Facebook**. REnCiMa, v. 3, n. 2, p. 136-147, 2012.

DILEMA das redes, O. Direção de Jeff Orlowski. Estados Unidos: Netflix, 2020. (89 min.)

FORQUIN, Jean Claude. **As abordagens sociológicas do currículo: Orientações teóricas e perspectivas de pesquisa**. Educação & Realidade, v. 21, n. 1, p. 187-198, 2017.

GREENHOW, C.; LEWIN, C., 2016. **Social media and education: reconceptualizing the boundaries of formal and informal learning**. Learning, Media and Technology, 41:1, 6-30, DOI: 10.1080/17439884.2015.1064954.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. Editora Ática, São Paulo-SP, 1997.

NOGUEIRA, C. M. M. **Escolha racional ou disposições incorporadas: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores**. Estudos de Sociologia, v. 2, n. 18, 2012.

OLIVEIRA, Amurabi. **As desigualdades educacionais no contexto da pandemia de Covid-19**. Associação Brasileira de Antropologia, Boletim Especial n. 85, cientistas sociais e o coronavírus - 16/07/2020. Disponível em: <http://www.aba.abant.org.br/noticia-64040>. Acesso em 02/10/2020.

PIRES, André; ROMAO, Paulo Cesar Ricci; VAROLLO, Victor Marques. **O Programa Bolsa Família e o acesso e permanência no ensino superior pelo Programa Universidade para Todos: a importância do eu me viro**. Revista Brasileira de Educação, v.24, 2019.

SIBILIA, Paula. **Rede ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução: Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SORIA, K. M. **Welcoming blue-collar scholars into the ivory tower: Developing class-conscious strategies for student success**. Columbia, SC: University of South Carolina, National Resource Center for The First-Year Experience and Students in Transition, 2015.

TEZCI, E.; IÇEN, M. **High School students social media usage habits**. Journal of education and practices, vol. 8, n. 27, 2017.

WOHN, D. Y. *et al.* **The role of social media in shaping first-generation high school students' college aspirations: A social capital lens**. Computers & Education. Volume 63, April 2013, Pages 424–436.